



O CAMPO E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO NO PERÍODO HERÓICO: PERÍODO ENTRE OS ANOS 1549 A 1570

Iranete de Araújo Meira
iranetemeira@hotmail.com
Severino Bezerra da Silva
severinobsilva@uol.com.br
(UFPB)

Resumo

O estudo assumiu como relevância fazer um recorte histórico no período Heróico entre os anos de (1549 a 1570), tomando como ponto de partida e de análise alguns aspectos de natureza pedagógica que contribuíram com a educação brasileira durante o período de colonização, com a chegada do padre Manoel da Nóbrega. Dessa forma, procuramos analisar o processo de escolarização no campo durante o período Heróico, na tentativa de refletir acerca da seguinte questão: Como se deu o processo de Escolarização no campo durante o período Heróico? A partir desse pressuposto procurou-se de modo específico; investigar os aspectos de natureza Pedagógica do Plano de Manoel da Nóbrega, além de perceber as nuances educativas desse período. Nesse intuito, o caminho metodológico situou-se num campo de análise bibliográfica. Onde em primeiro momento, foram realizadas pesquisas em obras de história da Educação, suas principais fontes, e num segundo momento, buscou-se respaldo em revistas, artigos, textos publicados em periódicos nacionais, que versaram sobre a temática em questão. Procuramos a priori esclarecer de forma simples e precisa a noção de Colonização e Educação no espaço de tempo percorrido, bem como os elementos que enunciaram as palavras em destaque, para em seguida tentar compreender o que estes contribuem com o processo de escolarização no período em questão. Destarte, percebeu-se a partir dos elementos observados, que a noção do espaço, onde habitavam os nativos indígenas, assim como os elementos que caracterizaram seu processo de exploração e ou de colonização, partiram de algumas premissas básicas destacada, ao longo do estudo tais como: terra, exploração da força de trabalho, fé, catequização, aculturação e religiosidade, contribuíram com o processo de Educação na colônia brasileira e, que por meio de uma gama de relações sociais e culturais estabelecida entre os colonizadores europeus e os nativos indígenas deram início ao processo Educação. Dessa forma, percebemos que a educação brasileira foi marcada por fortes traços e elementos culturais que aglutinaram valores, costumes e tradições da luta, da experiência e da resistência vivenciada entre os colonizadores europeus e nativos indígenas, e que os Tempos Heróicos, ficaram marcados como o início das primeiras experiências Educacionais descoberta na colônia brasileira. Nesse período, foi visto que os europeus consideravam a terra como um lugar de disputa, de poder e, que os indígenas tiveram sua força de trabalho explorada. Para tanto, os Jesuítas conseguiram de certa forma, transformar a colônia brasileira nos modos políticos ideológicos e administrativos da metrópole portuguesa, pela influência dos traços, marcas e costumes religiosos que moveu o processo de catequização com a estratégia do plano de Nóbrega.

Palavras-chave: Colonização. Escolarização. Educação no Campo.

Introdução

Esse estudo tem como relevância apresentar alguns recortes históricos que contribuíram ao longo da nossa história com o desenvolvimento da Educação no Brasil. Nesse aspecto, trataremos de apontar alguns elementos de natureza pedagógica, que marcaram o processo de colonização brasileira com a vinda dos jesuítas no Período Heroico, mais conhecido como “o plano





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

de Manoel da Nobrega”, entre os anos de 1549 a 1570. Dessa forma, procuramos analisar o processo de escolarização no Campo durante o período Heroico. A partir desse pressuposto procurou-se de modo específico; investigar os aspectos de natureza Pedagógica do Plano de Manoel da Nóbrega, além de perceber as nuances educativas desse período.

Nessa perspectiva, procuramos responder a seguinte questão norteadora: Como se deu o processo de Escolarização no campo durante o Período Heroico? Assim, visando a uma compreensão mais ampla dos aspectos pedagógicos do plano de Manoel Nóbrega, procuramos configurar os momentos históricos desse período, tanto em relação ao contexto como em relação à Educação. Quanto, ao caminho metodológico percorrido, situou-se num campo de análise bibliográfico. Num primeiro momento, procuramos desenvolvê-lo em obras de história da educação, suas principais fontes, e num segundo momento, além da bibliografia, o respaldo se deu por meio de revistas, artigos, textos publicados em periódicos nacionais, que versavam sobre a temática em questão. A partir desse levantamento bibliográfico procuramos responder os objetivos que foram propostos na pesquisa.

Nesse sentido, vale ressaltar, ao leitor que este trabalho tomou noção do processo de escolarização e da vinda dos Jesuítas para a colônia brasileira no Período Heroico, ou seja, procuramos esclarecer de forma simples e precisa a noção de **Colonização e Educação**¹ no espaço de tempo percorrido.

No âmbito, desse espaço foi percebido que houve uma série de elementos que podem enunciar as palavras destacada anteriormente tais como: **terra, exploração da força de trabalho dos nativos indígenas, fé, catequização, aculturação e religiosidade**. Nesse aspecto, nos permitiu entender que o processo de Educação na colônia brasileira, se constituiu a partir de uma gama de relações sociais e culturais estabelecida, entre colonizadores europeus e nativos indígenas. Nesse intuito, o processo dito colonização, se confundiu com os numerosos aspectos de produção em grande escala para subsidiar as forças marcantes do rei de Portugal, em contraposto a esta ordem predatória de Portugal estava o processo de aculturação dos indígenas nas terras da colônia

¹ BRANDÃO, afirma que o que é educação e que “Ninguém escapa da educação”, pois ela pode existir livre e entre todos, ou imposta por um sistema centralizado de poder que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam as desigualdades entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

brasileira. Nesse caso, os interesses proposto pelo tratado português na exploração das terras das colônias, percebia que os modos de existência desses sujeitos tinham em si, uma Educação voltada para as particularidades do campo dos costumes e das tradições indígenas.

Por isso buscamos entender como seu deu o processo de colonização e Educação na colônia Brasileira? Nesse sentido, faz-se necessário compreender a terminologia “**COLONIZAÇÃO**”² na compreensão de (Saviani 2008, p.122) quando diz que os primeiros significados da palavra, “colo na língua de Roma, eu moro, eu ocupo a terra, exemplo eu cultivo o campo [...] e o outro seria o que cultiva uma propriedade rural em vez de seu dono”. O processo de colonização conforme aponta o autor distingue do que até o povoamento ao que conduz a exploração do solo. Pela simples forma como os portugueses executaram o projeto de expansão da coroa portuguesa nos espaços indígenas brasileiros. Por outro lado, pensar no campo, nos indígenas, no processo de escolarização do período da colonização, pode-se identificar uma demanda muito grande de elementos históricos, culturais e religiosos que nos dá a certeza de que os primeiros indícios de Educação na colônia brasileira, foi motivado por três condições fundamentais, a primeira refere-se ao processo de colonização, a segunda ao processo de aculturação e a terceira, a força da fé e da evangelização dos padres Jesuítas. Conforme pontua (SAVIANI, 2008, p 29).

Afirma que o processo de colonização abarca, de forma articulada, mas não homogênea ou harmônica antes dialeticamente, esses três momentos representados pela colonização propriamente dita, ou seja, a posse e exploração da terra subjugando os seus habitantes (os índios); a educação enquanto aculturação, isto é a inculcação nos colonizados; das práticas, técnicas, símbolos e valores próprios dos colonizadores; e a catequese entendida como a difusão e a conversão dos colonizadores.

Pode-se dizer que os aspectos educativos pensados pelos Jesuítas responderam aos interesses ideológicos e políticos de Portugal. Nesse sentido, Manoel da Nóbrega, evidenciou o processo de educação na colônia, pensando a partir de uma matriz desarmoniosa, sem levar em consideração os interesses desses sujeitos com esse processo educativo. Vale à pena questionar, se naquele momento os nativos indígenas tinha interesse de participar do processo educativo dos

² **Colonização** é o ato de colonizar, ou seja, quando pessoas de um determinado país ou região vão para uma outra região (desabitada ou com nativos) para habitar ou explorar. No processo de colonização, ocorre a influência ou transferência cultural dos colonizadores para os colonizados e vice-versa.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Jesuítas. Ou, até mesmo o que representava para eles este processo de catequização? Percebemos, que (SAVIANI e MANACORDA 2008 p.122). Preconiza e entende esse processo de educação como:

Um processo por meio do qual a humanidade elabora a si mesma em todos os seus mais variados aspectos, acredita poder sintetizá-los em três pontos básicos: na inculturação nas tradições e nos costumes (ou aculturação, no caso de precederem não do dinamismo interno, mas do externo), na instrução intelectual em seus dois aspectos o formal-instrumental (ler escrever, contar, e o concreto conteúdo do conhecimento), e finalmente, na aprendizagem do ofício.

Entretanto, a educação brasileira foi marcada por fortes traços e elementos que aglutinaram valores, costumes e tradições produzidos a partir da experiência da luta e da resistência vivenciada entre os colonizadores europeus e nativos indígenas. Podemos então, considerar esse momento como sendo o início das primeiras experiências educacionais vivenciada na colônia brasileira. Nesse período, o campo era considerado um lugar de disputa, de poder e de exploração da força de trabalho dos nativos. Por esse viés (SAVIANI, 2008.) afirma que existiu uma estreita simbiose entre educação e catequese na colonização do Brasil, em verdades, a emergência de um processo de educação se deu como um fenômeno de aculturação.

Tanto é que nos faz colocar em discussão a alusão de (STEFHANOU e BASTOS, 2008 p. 122) quando descreve a educação no período colonial, afirmando que a mesma manifesta o significado da educação, tanto em termos amplos, no que coincide com a cultura, enquanto conjuntos de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que se transmitiu às novas gerações, quanto a garantia de sua essência enquanto reprodução de um estado de coexistência social.

Aspectos pedagógicos do Plano de Manoel da Nóbrega.

O plano de Manoel da Nóbrega teve início em 1549, com a vinda dos missionários portugueses, no intuito de instruir os nativos indígenas através da catequização no entorno colônia. A missão de Nóbrega era basicamente a levar a fé, a espiritualidade e a solidariedade dentro da colônia. Com isso, a organização da missão difundida por Nóbrega, realizava-se da seguinte forma, em recolhimentos, onde primeiro eram educados os mamelucos, os órfãos, os indígenas, especialmente os filhos dos caciques e os filhos dos colonos brancos. Nessa perspectiva,

3986





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

a ordem conduzia certa estratégia de organização e de aproximação com os sujeitos que residiam na colônia. Dessa forma, a estratégia política de organização colonizadora chefiada por Nóbrega previa em seu arcabouço organizacional condições políticas voltadas para desenvolver o trabalho pedagógico nas colônias, para isso precisou, conforme (ZOTTI, 2004 p. 16) de,

Alicerçar nessa unidade considerada espiritual e escolar a futura unidade política da nação [...] e por isso os recolhimentos funcionavam como agências de democratização, aproximando as raças e os filhos provenientes de diversas condições de vidas, irmanando-os no trabalho, pela igualdade de tratamento e pelo convívio diário no colégio, na capela, nos pátios de recreação.

Nesse sentido, a educação Jesuítica influenciou uma educação marcada por fortes tradições religiosas, métodos pedagógicos adaptados pela sistematização da catequese. Desse modo, pode-se afirmar que, o objetivo da educação Jesuítica era basicamente aculturar e converter os “ignorantes, sendo esta a denominação atribuída aos nativos e, assim criar uma atmosfera civilizatória e religiosa para os degredados e aventureiros que ali estivesse, ou que viesse morar na colônia. Entretanto, a constituição das ações e dos métodos educativos dos Padres Jesuítas, confirmava uma ação educativa programada pelos tempos Heroicos. Neste momento, abria-se espaços para examinar as novas terras e criar alternativas para efetivar os indígenas, no entorno da colônia. Podemos então, considerar os tempos Heroicos, como sendo o início de uma matriz educativa no espaço da colônia brasileira.

Nesse intuito, o Plano de instrução criado por Nóbrega, iniciou com o aprendizado da língua portuguesa para os indígenas, já que o pano de fundo de sua catequização era converter os cristãos indígenas por meio da doutrina. Nesse sentido, o modelo proposto pelos Padres, não se fazia por qualquer um dos nativos que dominasse as técnicas agrícolas, ou por alguém que se instalasse nas terras das colônias e, sim pelos sacerdotes enviados pela corte. Dessa forma percebia (SAVIANI apud STEFHANOU e BASTOS 2008, p 126.) que o plano de instrução de Nóbrega iniciou em 1549 com uma vertente voltada para:

O aprendizado da língua Portuguesa (para os indígenas) e prosseguia com a doutrina cristã, a escola de ler, escrever e, o opcionalmente, canto orfeônico e música instrumental, cuminando de um lado com o aprendizado profissional e agrícola, de outro lado com a gramática latina para aqueles que se destinavam à realização de estudos superiores na Europa, (Universidade de Coimbra), este





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

plano não deixava de conter uma preocupação realista procurando levar em conta as condições específicas da colônia.

A influência europeia implantou uma cultura oficial do estado português para contexto social indígena brasileiro, contribuindo assim, com o controle e a oficialização de vários aspectos, como o uso da língua portuguesa, da música e das técnicas de exploração do trabalho na agricultura. Não se pode negar que a finalidade de toda influência, voltava-se ampliar o cultivo agrícola e, assim dar conta do projeto de expansão da economia Portuguesa. Por todos esses laços de exploração, é que, a terra, o campo e seus habitantes tornaram-se fontes fomentadoras para que os jesuítas pudessem desenvolver um trabalho de escolarização na colônia.

Nessa perspectiva, o conhecimento da língua portuguesa foi de fundamental importância, para aproximar os nativos, bem como disseminar a doutrina cristã em todo território colonial. Por isso, que o ensino da língua portuguesa tornou-se a matriz curricular do processo de escolarização jesuítico. Assim como, a língua indígena para evangelizá-los. Dessa forma (ZOTTI, 2004 p. 17) diz que “o evangelizador era de visão larga e via no futuro; por isso ele foi aprender a língua indígena”. O idioma indígena acabou sendo matéria oficial do currículo educacional dos jesuítas. Nesse caso, a condição realista educacional formulada pela companhia de Jesus foi pensada para promoção e para o crescimento das condições socioeconômicas e políticas da coroa portuguesa.

A missão e o ensino Jesuítico nos tempos heróicos.

As missões foram constituídas de forma itinerantes, organizadas em forma de recolhimentos, para melhor atender as pregações cristãs e os discursos promovidos pelos padres sacerdotais nas aldeias da colônia brasileira. Nesta dimensão, as organizações se constituíam da seguinte forma: as crianças eram organizadas separadas dos adultos em internatos e reorganizadas dentro das próprias aldeias. Dessa forma, os jesuítas foram penetrando na vida e no cotidiano da população indígena, de modo, que concebeu uma mudança repentina, nos espaços de pertencimentos e sociabilidades, bem como nos hábitos de vida de um modo geral.

Nesse sentido, alguns grupos se revoltaram contra o processo de aculturação, enquanto, outros foram submetidos a tal situação. Todo esse processo, foi delineado por rupturas e

3988





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

continuidades nas formas de viver e de pensar dos envolvidos, pela dinâmica criada e implementada pelos padres Jesuítas³, para o tal processo de colonização.

Sem dúvida, a ação pedagógica dos Jesuítas considerava a possibilidade de treinar o índio para a função de mão-de-obra, exploração e desenvolvimento das técnicas agrícolas. Como bem coloca (XAVIER, 2004 p.43) isso fazia parte do projeto “de aculturação dos nativos, condição indispensável para a catequese, o aprendizado das práticas elementares de produção para a sobrevivência material da comunidade indígena em processo de aldeamento”.

A introdução dessa racionalidade na vida dos nativos, sem dúvida revolucionou os hábitos e os costumes dos nativos, tanto daqueles que aceitaram, quanto dos que se revoltaram a ponto de ter que reorganizar a sua forma de viver. A indiferença da oca, onde as famílias realizavam sem qualquer privacidade, as suas atividades de trabalho e de lazer, tornou-se um lugar de vida regada imposta pela ação dos jesuítas. Nesse caso, os nativos teriam que ter o lugar e o tempo próprio para o sono, para as refeições e para a devoção. Dessa forma, tornava-se a vida nas aldeias mais ágil e produtiva. Todo o aprendizado que era desenvolvido nas comunidades ocorria de forma prática e concomitante ao aprendizado intelectual e religioso para tornar possível e mais amena à vida comunitária que se deseja implantar entre estes nativos aculturados. A escrita, a leitura e o cálculo eram de fato os conteúdos próprios da instrução, que dava suporte a compreensão das sagradas escrituras na organização do plano pedagógica e ideológico dos Jesuítas. Visando a divulgação dos catecismos, livros, cantos religiosos. Por exemplo, a realização do complicado cálculo dos dias e das festas religiosas, entender e acompanhar atentamente os rituais e os sacramentos católicos, era tudo o que esperava da instrução dos gentios. Contudo, o processo de civilização foi transformador dos súditos da coroa portuguesa em verdadeiros : **“Filhos de Deus”**.

Na verdade, a natureza exploratória e civilizatória do período Heróico, que deu ênfase ao processo de aculturação, foi de fato, o sacrifício e a abnegação. Dez anos após a chegada do Padre Manoel da Nóbrega, já não eram mais as missões intinerantes o foco da atividade

³ Os primeiros jesuítas³ chegaram ao território brasileiro em março de 1549 juntamente com o primeiro governador-geral, Tome de Souza. Eram comandados pelo padre Manuel da Nóbrega, e edificaram a primeira escola elementar brasileira, em Salvador, tendo como mestre o Irmão Vicente Rodrigues, que tinha apenas 21 anos.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

educacional. Nesse momento, as atenções voltavam-se para os seminários no intento de realizar a formação de novos padres sacerdotais, incluindo nesse contexto, também nativos, embora alguns não apresentassem vocação para exercer tal ofício.

Entretanto, paulatinamente os Padres foram introduzindo e ampliando os seminários na colônia, criando instituições de ensino que atendesse os estudantes leigos, áqueles que não tinha empenho na carreira religiosa. Por isso, que o plano de Nóbrega tratou de introduzir no início do processo de **Civilização/Escolarização** aulas de humanidades, como à gramática latina para os filhos de colonos que pretendiam avançar nos estudos. Com o avanço da população urbana e colonial, os seminários e a Educação Jesuítica cresceu demasiadamente. Conforme aponta (XAVIER, 2004, p. 45) quando diz que “o desenvolvimento da vida urbana, se concentrava no aparelho administrativo e nas atividades comerciais com produtos locais e importados, e com isso crescia o desejo de instrução”.

Com o crescimento e o desenvolvimento da urbanização, a escola missionária ultrapassava seu caráter elementar e a vocação sacerdotal, nem sempre acompanhava o desejo pretendido pelos padres. Nesse sentido, os alunos leigos passaram a ser mais uma vez os precursores do processo de escolarização. Com o crescimento urbano o processo de escolarização Jesuítica não ficava apenas no campo, seguiam pelas cidades afora, onde recebiam o maior número de alunos. O ensino elementar era reforçado nos colégios, embora fosse de costume das famílias ensinar a seus filhos, o domínio das línguas e dos instrumentos musicais. É interessante lembrar que estamos falando dos proprietários ligados às atividades terciárias e não mais dos trabalhadores braçais. Por volta de 1556, a proposta de Nóbrega começa a sofrer sérias resistências em virtude dos conflitos de ordem política, social e ideológica da companhia de Jesus. Conforme coloca (ZOTTI, 2004, p. 19)

Sua proposta sofre com dificuldades até sua morte em 1570, então foram dissolvidos e incentivou-se a criação dos colégios, localizados nos centros urbanos mais importantes da faixa litorânea, compreendendo o ensino das primeiras letras, o ensino secundário e o ensino superior.

Paratanto, foi visto que logo após a morte de Nóbrega, o período heróico começa a entrar em declino e, com isso os seminários avançaram nos grandes centros urbanos. De certa forma, o





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

plano não trouxe grande respaldo ao crescimento da companhia de Jesus, em virtude de sua força de atuação e de preparação para a vida cristã.

Considerações Finais

Ao finalizar esse estudo percebeu-se que a educação brasileira caminhou por veredas censuráveis, por uma elite violenta, dominante conservada a poucos e de total exploração, cravada por diversos séculos em nossa história e sempre voltados à dominação daqueles senhores que detinham o poder da sociedade em suas mãos.

Vale à pena ressaltar que a educação vivenciada pela população que habitava as terras brasileiras antes da chegada dos colonizadores, não tinha as marcas repressivas do modelo educacional europeu. Nesse aspecto, os Jesuítas conseguiram de certa forma transformar a colônia brasileira nos modos políticos ideológicos e administrativos da metrópole portuguesa. É entendido pela influência dos traços, marcas e costumes religiosos que moveu o processo de catequização com a estratégia do plano de Nóbrega. Com isso, a língua portuguesa passou a ser o idioma oficial dos indígenas, como também, o canto orfeônico, as aglomerações e o lugar definido para realização das orações, pode ser considerado o ponto fundamental da prática pedagógica bem como do arcabouço organizacional nos tempos heroicos.

Embora o plano não tenha respondido aos interesses da companhia de Jesus naquele momento, no que diz respeito, à preparação da vida sacerdotal e da evolução econômica colonial. Para compreender o projeto de educação, os jesuítas revelaram diversas concepções, ou melhor, concepções de ordem religiosa marcada pela ausência de um instrumento capaz de desenvolver um trabalho educativo que estivesse voltado para assistir a diversidade da colônia no âmbito do saber, da transformação do processo de instalação de uma sociedade primitiva. Tudo isso culminou com a imposição dos costumes europeus.

Referências

MARTINS, Leda Maria, **500 anos de Educação no Brasil**, - 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

SAVIANI, Demerval, **Histórias das Ideias Pedagógicas no Brasil** - 3ª Ed. Ver. Campinas São Paulo 2010, Coleção Memória da Educação.

STEFHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara, **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**, Vol. I (orgs.), 3ª Ed. – Petrópolis, Vozes 2008.

XAVIER, Maria Elizabete, **História da Educação**, Ed. do Brasil, 2000.

ZOTTI, Solange, **Educação e Currículo no Brasil dos Jesuítas aos anos de 1980** – Ed. Autores Associados; Brasília DF. Editora Plano, 2004.

Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_tupis-guaranis>, acesso em 26 de julho de 2011.

Disponível em <<http://www.leituracritica.com.br/apoioprof/resenhas/007oqueducacbrbandao.asp>>, acesso em 28 de julho de 2011.

Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034_83091996000100003&script=sci_arttext>, acesso em 25 de julho de 2011.

Disponível em <http://www.suapesquisa.com/religiao/sociais/jesuistas.htm>, acesso em 28 de julho de 2011.

